
Jornalismo, posicionamento e subjetividade: análise da iniciativa *Mídia Indígena*¹

Geilson Fernandes de Oliveira²

Pâmella R. R. Dias de Oliveira³

Universidade do Estado da Bahia – UNEB

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN

Resumo

As discussões sobre posicionamento e subjetividade ainda são, frequentemente, tangenciadas no campo do jornalismo, sobretudo, o hegemônico, alicerçado, conforme defendem, sobre as premissas da objetividade. O jornalismo alternativo, nesse contexto, emerge como uma possibilidade de se produzir um jornalismo posicionado, abordando temáticas não contempladas pelo jornalismo convencional. Considerando essas questões, buscamos analisar, neste trabalho, tendo como base a iniciativa *Mídia Indígena*, como o jornalismo alternativo, a partir do seu posicionamento e reconhecimento da subjetividade como ferramenta para a construção das notícias, pode promover uma compreensão mais complexa das realidades que abordam e constroem, indo na contramão de práticas que, não raro, atuam na simplificação dos fatos e reprodução de desigualdades.

Palavra-chave: Jornalismo; Posicionamento; Subjetividade; *Mídia Indígena*; Jornalismo Alternativo.

Introdução

No campo do jornalismo, as discussões sobre posicionamento e subjetividade são, de maneira geral, tangenciadas frente à ênfase que se atribui à objetividade e neutralidade. O jornalismo alternativo, nesse contexto, emerge como uma possibilidade de se produzir um jornalismo posicionado, reconhecendo a impossibilidade de se alcançar a objetividade em sua inteireza. Diante desses debates, buscamos, neste trabalho, analisar como o jornalismo alternativo, a partir do seu posicionamento e reconhecimento da subjetividade como uma ferramenta para a construção das notícias, promove uma complexificação e, como desdobramento, uma melhor compreensão das realidades que abordam e constroem, indo na contramão do jornalismo hegemônico que, não raro, atua na simplificação reducionista dos fatos, atuando, inclusive, na reprodução de desigualdades de classe, raça, gênero, território, etnia, etc. (Moraes, 2022).

Para tanto, elegemos como recorte empírico de análise a iniciativa *Mídia Indígena*, especialmente, os conteúdos produzidos em sua página do *Instagram*⁴ em torno

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação, Alteridade e Diversidade, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutor em Estudos da Mídia (UFRN). Docente do Curso de Jornalismo em Multimeios da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). E-mail: geilson_fernandes@hotmail.com.

³ Doutora em Letras (UERN). Pesquisadora de Pós-Doutorado no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais e Humanas (UERN). E-mail: pamella_rochelle@hotmail.com.

⁴ Disponível em: <https://www.instagram.com/midiaindigenaoficial/> Acesso em: 28 maio 2025.

da divulgação de pesquisa realizada por cientistas da Universidade de São Paulo (USP), publicada na revista *Science*, que apontou o Brasil como o país mais miscigenado do mundo⁵. A escolha da *Mídia Indígena* como objeto de análise se justifica pelo entendimento de que se trata de uma iniciativa de jornalismo alternativo produzida a partir de grupos sociais historicamente marginalizados – os indígenas, que fazendo uso das plataformas e redes sociais da internet, constroem narrativas, imagens e imaginários a partir de uma ótica particular, o etnojornalismo –, se opondo às abordagens realizadas pela mídia e jornalismo tradicional, sobretudo, no que se refere às questões indígenas, sendo esta configuração, portanto, merecedora de maiores reflexões, especificamente no que se refere às suas produções discursivas.

A seleção dos conteúdos produzidos no *Instagram*, a seu turno, atenta para o fato de que apesar da *Mídia Indígena* possuir um *site*⁶ e estar presente em outras redes, como o *Facebook*⁷, é no *Instagram* em que se encontra uma maior atenção para a produção de conteúdos, o que é observado pela maior periodicidade de publicações, assim como pela exploração dos diversos recursos e ferramentas que a plataforma dispõe, como *posts* no *feed*, *carrosséis*, *hiperlinks*, *stories*, *reels*, etc. Já no que se refere ao recorte analítico a partir dos conteúdos produzidos em torno da divulgação da pesquisa já mencionada, que apontou o Brasil como o país mais miscigenado do mundo, tal seleção foi feita diante da necessidade de se verificar como esses achados científicos foram abordados pela *Mídia Indígena*, no sentido de observar o seu posicionamento, principalmente diante da repercussão “positiva” e “apaziguadora” utilizada por parte da imprensa comercial brasileira, que veiculou a informação sem a problematização dos fatores que levaram a tal fato.

Diante desses aspectos, questionamos: 1) como a *Mídia Indígena* repercutiu e abordou tal informação? 2) enquanto expressão do jornalismo alternativo, de que maneira utilizaram dos recursos do posicionamento e da subjetividade para problematizar o tema? 3) que implicações esses usos tiveram para uma complexificação e melhor compreensão da realidade pautada?

⁵ Mais informações sobre a pesquisa em: <https://www.afpesp.org.br/folha-do-servidor/pesquisa-e-tecnologia/pesquisa-inedita-aponta-o-brasil-como-o-pais-mais-miscigenado-do-mundo#:~:text=Pesquisa%20in%C3%A9dita%20aponta%20o%20Brasil%20como%20o%20pa%C3%ADs%20mais%20miscigenado%20do%20mundo,-Pesquisa%20e%20Tecnologia&text=Uma%20pesquisa%20in%C3%A9dita%20liderada%20por,pa%C3%ADs%20mais%20miscigenado%20do%20mundo>. Acesso em: 28 maio 2025.

⁶ Disponível em: <https://www.midiaindigena.org/>. Acesso em: 28 maio 2025.

⁷ Disponível em: https://www.facebook.com/VozDosPovos/?locale=pt_BR. Acesso em: 28 maio 2025.

A fim de responder a essas questões, adotamos, como procedimentos metodológicos, a abordagem qualitativa e os métodos interpretativos e explicativos, bem como a pesquisa bibliográfica, articulados com técnicas de coleta de dados, como a observação sistemática.

Jornalismo Alternativo, *Mídia Indígena* e Etnojornalismo

O jornalismo vem passando, na atualidade, por transformações em torno de seus processos e práticas. Nesse contexto, se observa a emergência de iniciativas jornalísticas que passam a explorar o contexto do digital, compreendendo desde *sites* e portais de notícias, até as redes sociais na internet, cenário em que também emergem modos de fazer jornalismo a partir de outros olhares e narrativas, abordando temáticas muitas vezes invisibilizadas pelo jornalismo tradicional, como é o caso das questões indígenas.

Inscrita nesse cenário permeado por reconfigurações e desafios para o jornalismo, a iniciativa *Mídia Indígena* é considerada, utilizando as definições de Figaro e Nonato (2021), como um arranjo alternativo ao jornalismo e webjornalismo convencional, indicando outros caminhos de produção da notícia, além de outros modos de se observar o mundo. Definido como “Coletivo de comunicação indígena do Brasil promovendo e preservando as culturas indígenas há 10 anos⁸”, a *Mídia Indígena* tem a sua atuação, especialmente, a partir das plataformas de redes sociais, produzindo e veiculando conteúdos por meio do *Instagram* (nosso recorte de análise), contando com 283 mil seguidores, e *Facebook* (74 mil seguidores⁹), possuindo ainda um *site*¹⁰, onde são veiculados conteúdos noticiosos, *podcast* e *websérie*.

Entretanto, entre os meios explorados pela iniciativa, é observado um destaque para os usos e apropriações do *Instagram* como ferramenta para a produção e veiculação de notícias, se considerando a maior periodicidade, atualização e uso de diferentes formatos (*posts no feed, stories, reels, hiperlinks*) para a produção de seus conteúdos. No *Facebook*, são compartilhadas as postagens do *Instagram*, evidenciando o contexto da convergência midiática (Jenkins, 2008) como estratégia de produção. O *site*, por sua vez, contempla produções especiais (*websérie, podcast*), mas parece não ser atualizado com

⁸ Conforme informações disponíveis na página do *Instagram* da *Mídia Indígena*. Disponível em: <https://www.instagram.com/midiaindigenaoficial/>. Acesso em: 1 jun. 2025.

⁹ Conforme informações coletadas na respectiva página (https://www.facebook.com/VozDosPovos/?locale=pt_BR) em 28 maio 2025.

¹⁰ Disponível em: <https://www.midiaindigena.org/> Acesso em 28 maio 2025.

frequência. Dessa forma, se observa como estratégia a produção de conteúdos para as redes sociais, tendo em vista o crescimento da busca e acesso às informações noticiosas a partir dessas plataformas (Newman et al., 2022).

Com efeito, a *Mídia Indígena* se evidencia como um veículo relevante para a difusão de pautas e temas inerentes à questão indígena, apontando um outro viés para abordar e construir o jornalismo, trabalhando a partir de temáticas ou pautas muitas vezes silenciadas, possibilitando, nesse sentido, outros dizeres e visibilidades (Albuquerque Júnior, 2009) sobre a realidade, os quais vão na contramão do jornalismo tradicional ou hegemônico, geralmente, ligados ao modelo liberal-capitalista. Nesse sentido, a *Mídia Indígena* é identificada como jornalismo alternativo por se apresentar enquanto alternativo tanto a um modelo econômico ou de negócio, como também se considerando as perspectivas exploradas para se produzir e abordar as notícias (Figaro, Nonato, 2021).

Articulado a essas definições, a *Mídia Indígena* é definida, ainda, como uma expressão do etnojornalismo. De acordo com Kaseker (2019), etnojornalismo é um termo que “[...] vem sendo utilizado pelos movimentos indígenas para caracterizar a produção e veiculação de notícias e informações pelos povos originários, fenômeno que se expandiu com a popularização da internet e dos dispositivos móveis” (p. 34). Como exemplo de uma das primeiras iniciativas de etnojornalismo, etnomídia ou jornalismo indígena, como também é chamado, Kaseker (2019) cita o “Programa de Índio”, apresentado por Ailton Krenak de 1985 a 1990 na Rádio USP. Ao longo do tempo, outras iniciativas foram se desenvolvendo, como a Webrádio Yandê, analisada como expressão de etnomídia por Ribeiro e Kaseker (2018).

Tomando como base o termo jornalismo indígena, Sampaio (2010) o conceitua dando ênfase ao seu foco na defesa, denúncia e difusão da cultura indígena, historicamente marginalizada e estereotipada pelos meios de comunicação e jornalismo convencionais. Corroborando com essa perspectiva, mas adotando o conceito de etnojornalismo, Wapichana (2016) o define, por sua vez, como um agente de transformação social, explicando que o fenômeno atua como um elemento dinâmico na busca pelo reconhecimento das reivindicações dos povos indígenas, principalmente, quando se leva em conta o fato de que suas demandas não têm encontrado, historicamente, ressonância na mídia e no jornalismo.

Considerando essas discussões, nos interessa refletir sobre a *Mídia Indígena* enquanto uma iniciativa de jornalismo alternativo e de etnojornalismo, a qual aponta para

outras formas de se fazer jornalismo, explorando, a seu modo, de elementos como o posicionamento e a subjetividade. Para tanto, tomamos como base um recorte específico, relativo aos conteúdos produzidos pela *Mídia Indígena* no *Instagram* acerca da divulgação dos resultados de uma pesquisa realizada por cientistas da USP, publicada na *Science*, evidenciando o Brasil como o país mais miscigenado do mundo.

Brasil, país mais miscigenado do mundo? Jornalismo, Posicionamento e Subjetividade na *Mídia Indígena*

Em 15 de maio de 2025, foi publicado na renomada revista *Science*, os resultados de investigação científica realizada por pesquisadores/as da Universidade de São Paulo (USP) acerca da composição do DNA brasileiro. O estudo, que integra o Programa Genomas Brasil e financiado pelo Ministério da Saúde, indicou o Brasil como o país mais miscigenado do mundo. Além dessa informação, a investigação também apontou que os dados obtidos contribuem para o entendimento da formação da sociedade brasileira, o que é de suma relevância para se compreender fatores hereditários inerentes a ocorrência de doenças na população, especialmente, no que remete às suas possibilidades de previsão e prevenção¹¹.

Nos meios de comunicação e jornalismo, informações sobre o estudo tiveram ampla repercussão, com ênfase, especialmente, no fato da pesquisa apontar que o “Brasil é o país mais miscigenado do mundo”, “[...] que país tem maior diversidade genética do mundo”, ou revelar “As 8 milhões de mutações inéditas encontradas no DNA do povo brasileiro”, como enunciado em títulos de notícias da *Band Jornalismo*¹², do *G1*¹³ ou da *Folha de São Paulo*¹⁴, respectivamente, para ilustrar apenas alguns casos. Como padrão, observa-se certo enaltecimento à miscigenação comprovada pela pesquisa, o que é reforçado pelos conteúdos das notícias, que descrevem de maneira mais detalhada a pesquisa realizada. Apenas no conteúdo do *G1*, a questão relativa sobre o como esse processo de miscigenação ocorreu é levantada, quando se aponta, sem maiores aprofundamentos, para o tema da violência colonial. Essa questão, entretanto, foi

¹¹ Conforme informações disponíveis em: <https://jornal.usp.br/ciencias/estudo-mapeia-impactos-da-miscigenacao-no-dna-e-na-saude-da-populacao-brasileira/> Acesso em: 04 jun. 2025.

¹² Disponível em: <https://www.band.com.br/noticias/mapa-genetico-dos-brasileiros-veja-5-novidades-que-cientistas-desvendaram-em-estudo-inedito-202505152227> Acesso em: 04 jun. 2025.

¹³ Disponível em: <https://g1.globo.com/saude/noticia/2025/05/15/pesquisa-analisa-dna-do-brasileiro-e-descobre-que-pais-tem-a-maior-diversidade-genetica-do-mundo-veja-na-sua-regiao.ghtml> Acesso em: 04 jun. 2025.

¹⁴ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ciencia/2025/05/as-8-milhoes-de-mutacoes-ineditas-encontradas-no-dna-do-povo-brasileiro.shtml> Acesso em: 04 jun. 2025.

trabalhada e aprofundada pela *Mídia Indígena*, que assim como outros meios de comunicação e jornalismo, divulgou os achados da pesquisa, mas a partir de uma ótica que se contrapõe as visões enaltecedoras sobre o “Brasil ser o país mais miscigenado do mundo”.

Em 19 de maio, a *Mídia Indígena* publicou, em sua página do *Instagram*, um *post* em formato carrossel¹⁵ com seis imagens, abordando os resultados da pesquisa supracitada. Na publicação, desde a primeira imagem (capa do *post* – fig. 1), a iniciativa evidencia a questão da violência colonial que possibilitou o “DNA do Brasil”, o que se evidencia por meio da sua chamada principal: “O DNA do Brasil tem sangue indígena e cicatrizes da violência colonial”, e é seguido por um subtítulo, que reforça: “Mais do que celebrar a ciência, precisamos falar do apagamento indígena e da violência histórica”.

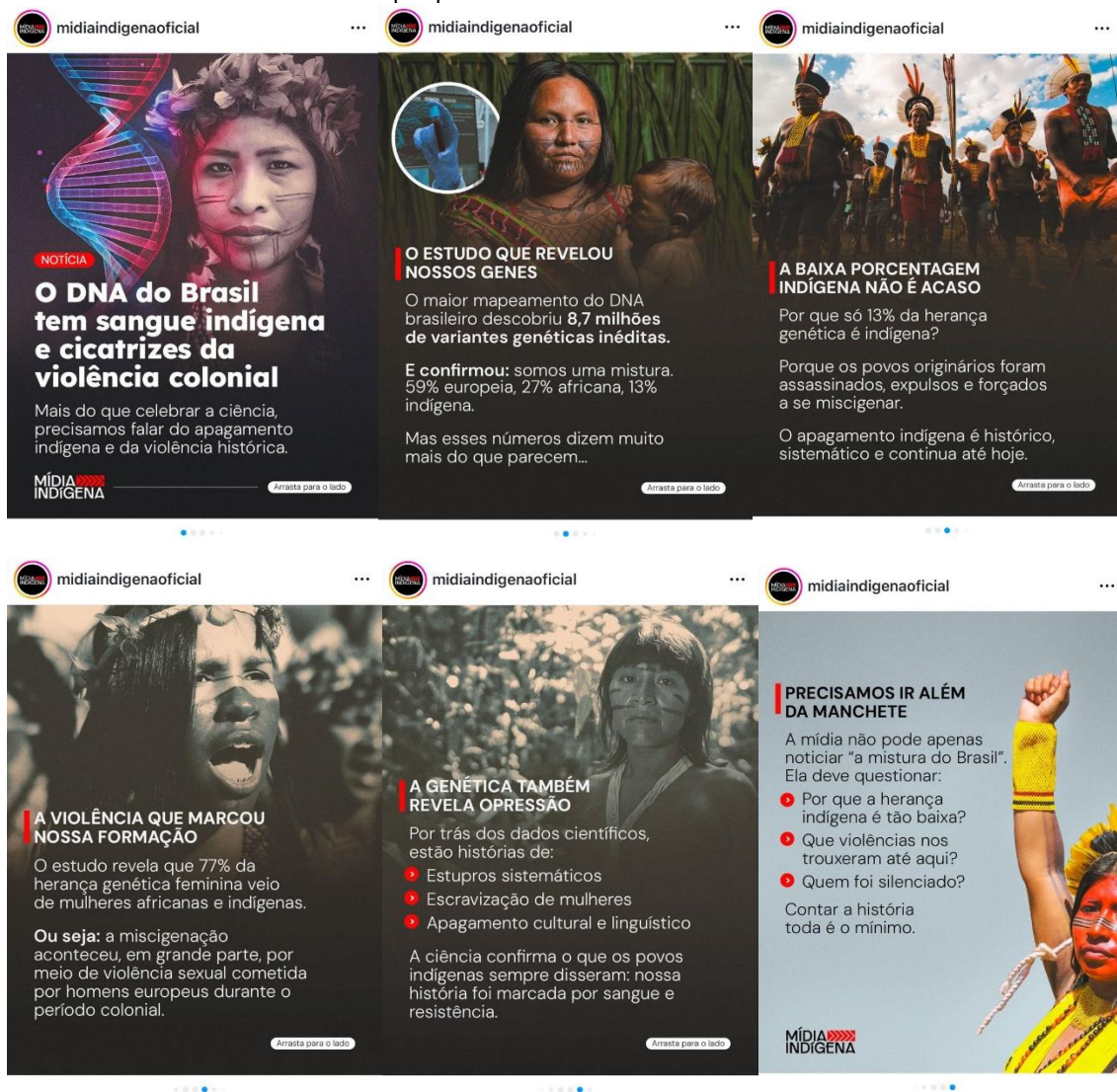
De antemão, desde a chamada principal, a *Mídia Indígena* convida e alerta o público a refletir sobre um aspecto que, em muitos veículos de jornalismo hegemônico, parece ter ficado na celebração. Esse aspecto é seguido nas demais imagens que compõem o carrossel (fig. 1), como ocorre na segunda imagem, que reconhece os achados do estudo e, ao mesmo tempo, convoca o público à reflexão, pois eles “dizem muito mais do que parecem”. Na terceira imagem, há um questionamento sobre o por que de apenas 13% da herança genética brasileira ser indígena, o que logo é respondido de forma direta: “porque os povos originários foram assassinados, expulsos e forçados a se miscigenar”, indicando que o apagamento indígena, inclusive no DNA brasileiro, é “histórico, sistemático e continua até hoje”. Na quarta imagem, a questão da violência sexual contra mulheres indígenas e africanas é indicada, tendo em vista que o estudo revela que 77% da herança genética feminina no Brasil veio de indígenas e africanas, enquanto a herança genética masculina brasileira advém 71% de homens europeus, apontando assimetrias não naturais nas relações sexuais desenvolvidas, forjadas por meio da violência sexual impetrada por homens europeus/colonizadores contra mulheres indígenas e africanas.

Esse ponto é levantado e abordado também na quinta imagem da publicação em formato carrossel, quando a *Mídia Indígena* afirma que a genética identificada revela opressões, como estupro, escravização de mulheres e apagamento cultural dos indígenas. Além disso, a iniciativa também ressalta que os dados da pesquisa confirmam o que os povos indígenas já indicavam: que a sua história “[...] sempre foi marcada por

¹⁵ Tipo de postagem, no *Instagram*, que permite a publicação de um conjunto de fotos em um mesmo *post*.

sangue e resistência”. Arrematando a discussão e a abordagem sobre a pesquisa divulgada, a *Mídia Indígena* enuncia na sexta e última imagem do *post* um elemento importante para a produção e consumo do jornalismo: “Precisamos ir além da manchete”, propondo que a mídia e o jornalismo “não pode apenas noticiar [...] deve questionar”.

Figura 1 – Compilado de imagens de *post* em formato carrossel da *Mídia Indígena* sobre os resultados de pesquisa sobre o DNA brasileiro.



Fonte: Prints produzidos a partir de *post* em formato carrossel da *Mídia Indígena*. Disponível em: https://www.instagram.com/p/DJ2gZE0PT_j/?igsh=eHZkNjZwcnhmcDV0 Acesso em: 28 maio 2025.

Como visto, a proposição da mídia e do jornalismo enquanto agentes que devem ir além da manchete, é encaminhada pela *Mídia Indígena* a partir de algumas questões propositivas visando uma compreensão mais complexa dos dados resultantes da pesquisa da USP, a saber: “Por que a herança indígena é tão baixa? Que violências nos trouxeram

até aqui? Quem foi silenciado?”. Na legenda da publicação, o viés problematizador sobre a pauta e propositivo quanto ao jornalismo, tem continuidade¹⁶.

Ao discursivizar sobre os resultados da pesquisa a partir dos vieses descritos, a *Mídia Indígena* aponta para outras abordagens para a questão, o que é feito por meio do uso estratégico do posicionamento e da subjetividade para a produção jornalística. Tomando como base a compreensão de Moraes (2019), se observa um jornalismo situado, posicionado e aberto à uma subjetividade que enxerga as diferenças e violências sociais, colocando-as como pauta de debate na agenda pública, em oposição ao jornalismo tradicional e hegemônico que, sob o manto da objetividade, em muitos casos acaba reproduzindo e naturalizando diferenças, violências e desigualdades, produzindo outridades (Kilomba, 2019) como aconteceu em relação aos casos dos jornais que não problematizaram os processos sociais e históricos que favoreceram a construção do Brasil como o “país mais miscigenado do mundo”.

Enquanto uma iniciativa de etnojornalismo e também de jornalismo alternativo, a *Mídia Indígena* produziu, a partir dos seus conteúdos, dizibilidades e visibilidades outras (Albuquerque Junior, 2009) sobre o DNA brasileiro. Importante mencionar que, ao adotar do posicionamento e da subjetividade como elementos estratégicos, a iniciativa não deixou de atender as premissas básicas do jornalismo, uma vez que a sua publicação revela processos de pesquisa, apuração, trabalho com fontes, etc., reforçando a proposta de Moraes (2022) que o jornalismo pode ser uma arma de combate para dismantelar visões de mundo simplificadoras e reducionistas, muitas vezes, construídas pelo jornalismo dito de referência, pautado em uma objetividade que, mesmo negando a presença da subjetividade, faz uso dela, como ocorre quando um veículo decide comemorar a “miscigenação brasileira” e não problematizar sobre as suas condições de possibilidades.

Outrossim, se identifica a partir da *Mídia Indígena* uma perspectiva que buscar ir de encontro ao predomínio e perigo de uma histórica única (Adichie, 2019). Enquanto fenômeno do campo do jornalismo, a iniciativa etnojornalística também é observada como resultante de uma demanda do próprio jornalismo, que historicamente tem abordado os povos indígenas de maneira limitada e estereotipada (Ijuim, Urquiza, Urquiza, 2016). Nesse ínterim, é na crise do próprio jornalismo e suas narrativas

¹⁶ O post e legenda podem ser acessados em: https://www.instagram.com/p/DJ2gZE0PT_j/?igsh=eHZkNjZwcnhmcDV0 Acesso em: 28 maio 2025.

pretensamente universais, que o etnojournalismo e o jornalismo alternativo ganham espaço, produzindo narrativas e discursos outros. Amparados nas discussões de Ijuim (2012), também é mister refletir sobre as formas de humanização promovidas pelas pautas e abordagens da *Mídia Indígena*, bem como, tal como propõem Apolinário, Ijuim e Queiroz (2022), sobre o quanto o etnojournalismo praticado pela iniciativa demonstra uma postura de decolonização da *práxis* jornalística, pois não parte de premissas universais e/ou colonizadoras, mas as combatem. Esse aspecto pode ser referendado também a partir de Maldonado-Torres (2018), ao afirmar que a decolonialidade envolve um giro epistêmico no qual os sujeitos historicamente explorados pela colonização emergem como pensadores, questionadores, escritores, comunicadores, etc., tal como ocorre com o etnojournalismo e a *Mídia Indígena*.

Considerações finais

Objetivamos, neste artigo, compreender como o jornalismo alternativo, especificamente a *Mídia Indígena*, a partir do seu posicionamento e reconhecimento da subjetividade como ferramenta para a construção das notícias, pode promover uma compreensão mais complexa das realidades que abordam e constroem, indo na contramão do jornalismo tradicional. Por meio da análise da produção de conteúdos da *Mídia Indígena* sobre um caso em específico – resultado de pesquisa publicada na *Science* sobre o “DNA do Brasil”, se observou uma abordagem a partir de vieses particulares, frutos da prática de etnojournalismo, que traz em si elementos inerentes ao uso estratégico do posicionamento e da subjetividade nas práticas jornalísticas.

A utilização desses elementos atua não na simplificação ou subjetivismo da informação, como muitas vezes propõem os olhares mais conservadores no jornalismo, mas propõem maneiras outras de se enxergar a realidade dos fatos, os ampliando e complexificando. Além disso, enquanto expressão do etnojournalismo, a *Mídia Indígena* se mostra como uma prática jornalística decolonial e humanizadora, adotando premissas que vão de encontro às práticas do jornalismo hegemônico.

Referências

ADICHIE, C. N. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ALBUQUERQUE JUNIOR, D. **A invenção do Nordeste e outras artes**. São Paulo: Cortez, 2009.

APOLINÁRIO, E. M. P.; IJUIM, J. K.; QUEIROZ, T. K. B. Mídia Indígena como alternativa para decolonizar a práxis jornalística. In: SARDINHA, A. C.; LIMA, V. M. A.; LARA, E. C.; BELMONTE, V. (Orgs.). **Decolonialidade, comunicação e cultura**. Macapá: UNIFAP, 2022. p. 130-157.

FIGARO, R.; NONATO, C. (Orgs.). **Arranjos jornalísticos alternativos e independentes no Brasil**: organização, sustentação e rotinas. São Paulo: ECA-USP: Centro de Pesquisa em Comunicação e Trabalho, 2021.

IJUIM, J. K. Humanização e desumanização no jornalismo: algumas saídas. **Revista Comunicação Midiática**, Bauru, SP, v. 7, n. 2, p. 117–137, 2012.

IJUIM, J. K.; URQUIZA, A. H. A.; URQUIZA, M. G. Imprensa, indígenas versus ruralistas: As tensões entre o modelo desenvolvimentista e o bom viver (tekove porã). **Revista Extraprensa**. v.9, n.2, 53-70, 2016.

JENKINS, H. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2008.

KASEKER, M. P. Apontamentos sobre o conceito de Etnojornalismo. In: HRENECHEN, V. C. de A. T. (Org.). **Comunicação e jornalismo**: conceitos e tendências. Ponta Grossa-PR: Atena Editora, 2019.

KILOMBA, G. **Memórias da plantação** - episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

MALDONADO-TORRES, N. Analítica da colonialidade e da decolonialidade: algumas dimensões básicas. In: BERNARDINO-COSTA, J.; MALDONADO-TORRES, N.; GROSGOUEL, R. (Orgs.). **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

MORAES, F. Subjetividade: ferramenta para um jornalismo mais íntegro e integral. **Extraprensa**, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 204-219, jan./jun. 2019.

MORAES, F. **A pauta é uma arma de combate**: subjetividade, prática reflexiva e posicionamento para superar um jornalismo que desumaniza. Porto Alegre-RS: Arquipélago Editorial, 2022.

NEWMAN, N.; FLETCHER, R.; ROBERTSON, C. T.; EDDY, K.; NIELSEN, R. K. **Reuters Institute Digital News Report 2022**. Oxford: Reuters Institute, 2022.

RIBEIRO, L. F.; KASEKER, M. P. A experiência da Webradio Yandê como etnomídia em um contexto de convergência midiática. **Anais do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Intercom**, 2018.

SAMPAIO, O. R. A. **Jornalismo indígena e jornalismo indigenista**. TCC (Curso de Comunicação Social–Jornalismo da Universidade Estadual de Londrina-UEL). Londrina, 2010.

WAPICHANA, M.C.S. **Estratégias de Comunicação e Etnojornalismo no Conselho Indígena de Roraima**. TCC (Curso de Comunicação Social-Jornalismo da Universidade Federal de Roraima-UFRR). Porto Velho, 2016.